

Sem fronteiras

Que fronteiras? Todas as possíveis e imagináveis. Fronteiras linguísticas. Fronteiras temáticas. Fronteiras étnicas, etc. Qualquer grande biblioteca que se preze deve ignorar todas estas barreiras, e não refugiar-se por detrás de falsos pretextos. Por isso aqui apresentamos uma modesta colectânea destinada a incentivar os bibliotecários a aprofundarem cada vez mais o sulco que deveria conduzi-los à excelência de uma cobertura ibero-africana e ibero-oriental «ideal». A experiência tem mostrado que o «ideal» é uma noção tão subjectiva que raramente aparece nestas conservatórias da memória do amanhã que são as bibliotecas europeias. Quanto às africanas, asiáticas e latino-americanas, nem vale a pena falar delas. Mas não desanimemos e comecemos por Angola com um texto que pode parecer aqui deslocado, mas no fundo não o é. Porquê?

*The Kavango Peoples in the Past*¹ é a história etnográfica das populações instaladas a sul do Cubango/Kavango, ou seja, a nordeste da actual Namíbia. Não é um livro de leitura fácil porque, se os sete textos (essencialmente crónicas em línguas vernáculas, traduzidas e anotadas em inglês) são compreensíveis, podem deixar insatisfeito qualquer historiador tradicional que se queira basear numa cronologia sólida e em documentos escritos. Aqui mergulha-se em cheio na história oral, com todas as armadilhas inerentes. Porquê citar então este livro a propósito de Angola? Porque esta narração da genealogia de linhagens obscuras e de personagens desconhecidas para os que não pertencem à etnia esclarece por vezes — e só parcialmente — a história étnica do Sudeste angolano, donde são originários numerosos grupos étnicos que emigraram a partir de Angola. Como esta região, apelidada de

¹ Axel Fleisch e Wilhem J. G. Möhlig, *The Kavango Peoples in the Past. Local Historiographies from Northern Namibia*, Colónia, Rüdiger Köppe Verlag, 2002, 344 páginas, mapas, fotografias a preto e branco, um quadro numa bolsa.

«terras do fim do mundo», constitui como que um «vazio» do ponto de vista historiográfico, teremos de contentar-nos provisoriamente com estas narrações de guerras, dinastias, massacres, etc., recolhidas — quase todas — de Cuangar ao Caprivi por um linguista e um etnólogo que deram o seu melhor para conferirem alguma coerência a todo este magma. Mas, embora haja muita matéria bruta nestas tradições, continuaremos a aguardar com impaciência que um autêntico historiador se coloque à altura e diga o que é verdadeiro, importante ou inútil.

E, já que entrámos nas guerras, vejamos aquela que marcou e feriu meia geração de portugueses. *Deus, Pátria... e a Vida*² é um *bildungsroman* que mistura as lembranças metropolitanas (por vezes anticlericais) de um alferes colocado no Noroeste angolano com as suas experiências da guerra colonial nos anos de 1966-1968 (?). O autor tornou-se, entretanto, um coronel (na reserva) anti-salazarista que apresenta narrações clássicas (rotina, patrulhas, desejo de salvar a própria pele, emboscadas, etc.) com, todavia, alguns episódios novos [a chegada das prostitutas «em serviço militar» para as tropas colocadas em Ambriz (?), a indisciplina, etc.]. É mais uma pedra que concorre para o edifício de uma guerra colonial destituída de *slogans* desmesuradamente patrióticos.

Um outro exemplo — começam a multiplicar-se a uma cadência tal que já se pode falar num exagero editorial que, provavelmente, atingirá o seu auge por volta de 2010-2015 — é *Bichos do Mato*³, uma exposição bem redigida de lembranças de um outro alferes colocado em Damba (Uíge) cuja companhia combateu os guerrilheiros da UPA-FNLA da serra do Mucaba. É uma zona bastante dura e o autor descreve bem o que foi essa «guerra de pobres» (p. 54), que não tinham grande vontade de combater. Fala mesmo de operações nos Dembos onde a tropa construiu uma ponte e uma estrada para chegar a uma zona da resistência. É uma descrição concreta e apaixonante, que dá uma visão realista da vida quotidiana de uma unidade onde os arcaísmos (um coronel caído numa emboscada invoca a protecção divina face à selva) abundam. A companhia não foi poupada, pois seguiu para o Alto Zambeze, primeiro colocada em Lumbala (1966) e depois em Cazombo (1967). Os restantes 27 meses de comissão são mais calmos. O livro não é amargo nem reivindicativo, apenas descritivo e realista. Um bom trabalho.

Saltemos agora a fronteira linguística rumo ao exotismo absoluto: o exército *romeno*... em Angola. Sendo um país sem experiência colonial e, inclusivamente, sem viajantes nem exploradores célebres em África, a Roménia atirou-se para o desconhecido em 1995. E em força, porque enviou 758

² Gertrudes da Silva, *Deus, Pátria... e a Vida*, Viseu, Palimage Editores, 2003, 276 páginas.

³ José Ferreira Marques, *Bichos do Mato*, Viseu, Palimage Editores, 2003, 222 páginas.

militares no âmbito das operações (UNAVEM III) da ONU. Ficou encarregada de uma zona bastante pacífica (Lubango, Lobito, N'Gove, Chicuma), numa simples missão de desarmamento e operações logísticas ou patrulhas. O seu único inimigo foi a malária (um morto). O relatório detalhado do coronel Botezatu⁴ destina-se mais a um estado-maior do que a um leitor médio, embora aí se fique a saber que havia quatro escolas romenas — com que língua de ensino? — frequentadas por 200 pequenos angolanos. Face à riqueza das bibliotecas romenas na rubrica «Angola» ou «África lusófona», deduz-se que a preparação dessa expedição não deve ter sido fácil no plano documental.

E, já que estamos no exotismo, prossigamos com um dinamarquês em Angola. *Øjenvidnerne*⁵, cujo subtítulo pode ser traduzido por «Testemunho de nove médicos sem fronteiras», inclui um capítulo que é constituído pelo diário de um otorrino dinamarquês de Agosto 1996 a Fevereiro 1997 nessas capitais da dor que eram Luena e, sobretudo, Lumege (zona da UNITA). Minas, epidemia de meningite, malária, poliomielite, etc., estamos longe de Odense e mais perto de Dante. Ainda nos encontramos entre duas guerras. Preocupa-nos, todavia, uma questão: como é que, no período português, as populações angolanas — e moçambicanas — cresciam lentamente antes do início da guerra colonial, ao passo que agora, mal-grado guerras civis atrozes, a demografia evolui e vai aumentando enormemente de ano para ano? Haverá manipulação das estatísticas, ou tratar-se-á de serviços de saúde mais eficazes? É duvidoso. Então?

Agora, que os combates terminaram, quais os vestígios? *Amulets & Dreams*⁶ é essencialmente uma reportagem fotográfica (visões de pesadelo ou ligeiramente mais optimistas) realizada em vários países africanos saídos de uma guerra civil ou internacional. No que se refere à Angola de 2001-2002, não vale a pena ficarmo-nos pelo texto, que poderá fazer sorrir os antigos caçadores portugueses («saturation bombing in the north»!, p. 40), embora nos recorde que morreram mais pessoas por desnutrição, doença, poluição das águas e falta de higiene do que vítimas directas dos conflitos. Sabendo que uma criança em cada três morre antes dos 5 anos, os médicos das organizações humanitárias têm o futuro pela frente. O que conta neste livro são as fotografias de crianças de Luanda e de Kuito, dos campos de refugiados e do cemitério (alucinante!) de Kuito. Quanto a Moçambique, o que se vê de Tete, da Beira, dos amputados (2001), mostra que Guy Tillim

⁴ Petre Botezatu, *Batalionul 2 Infanterie «Călugăreni» Căști Albastre în Misiunea de Mentinere a Păcii din Angola*, Bucureste, Editura Academiei de Înalte Studii Militare, 2001, 144 páginas, fotografias a preto e branco.

⁵ *Øjenvidnerne. Ni læger uden grænser fortæller*, Copenhaga, Fadl's Forlag, 2003, 368 páginas, fotografias a preto e branco.

⁶ Omar Badsha (ed.), *Amulets & Dreams. War, Youth & Change in Africa*, Pretória, Unisa Press, 2002, 162 páginas, fotografias a preto e branco.

é um grande fotógrafo, mas que a África lusófona não soube gerir a sua herança colonial. Uma geração após a saída dos colonizadores, a procura das desculpas ou dos bodes expiatórios extra-africanos não é mais tolerável. O mesmo diagnóstico, a mesma conclusão, depois da leitura de uma brochura⁷ que faz o balanço da ajuda austríaca em Kuito e em Luanda, através de uma ONG local.

*À l'ombre des guerres justes*⁸ é uma colectânea de contributos cujos autores se interrogam sobre as contradições das operações humanitárias durante ou depois de crises graves, nomeadamente guerras civis ou internacionais. Nesta óptica, se se pode dispensar a leitura de um breve sumário sobre Timor, em contrapartida, as mais de vinte páginas sobre o período de 1998-2002 em Angola são bastante aconselháveis. A autora bate à esquerda, à direita e em cima (a ONU, cujo apoio à opção militar do MPLA é denunciado). Não poupa mais Luanda do que a UNITA e tem razão ao criticar a política de terror que vitimou tantos civis, deixados sem apoio e esmagados pela desumanidade de ambos os campos. Apoiando-se nos Médicos sem Fronteiras, descreve o calvário das populações das «zonas cinzentas», ou seja, inacessíveis, bem como a tragédia *posterior* à paz de 2002, devidamente organizada pelo MPLA e tolerada pela ONU. Tudo por causa do petróleo! É mais um livro que não se espera ver tão cedo à venda em Luanda. Quanto à tradução... Mas isso pouco importa, porque a ficção angolana está em pleno desenvolvimento editorial. Além disso, 3 milhões de deslocados a mais ou a menos não passam de assunto de fotógrafos ou de coveiros!

Mais um texto vingador e esmagador? *Les affaires sous la guerre*⁹ não é mais do que a tradução de uma brochura da ONG Global Witness, *All the President's Men*, já aqui assinalada, mas talvez pouco difundida nas livrarias. Mas agora quem preferir ler o texto em francês já pode adquirir esta denúncia implacável. Não parece tirar o sono a nenhum dos poderosos ou dos dirigentes das companhias petrolíferas nem aos banqueiros americanos, franceses ou suíços. E ainda muito menos aos de Luanda.

Troquemos agora a moral pela *Realpolitik*, conforme analisada por um autor da África central. *Géopolitique de paix en Afrique médiane*¹⁰ é um livro de estilo complicado e cheio de erros ortográficos (quem corrigiu o

⁷ *Kuito-Leben nach dem Krieg in Angola*, Viena, Sadocc (Postfach 146, A-1061 Wien, Áustria), 2003, 12 páginas, fotografias a preto e branco.

⁸ Fabrice Weissman (coord.), *À l'ombre des guerres justes. L'ordre international cannibale et l'action humanitaire*, Paris, Flammarion, 2003, 376 páginas.

⁹ Global Witness, *Les affaires sous la guerre. Armes, pétrole & argent sale en Angola*, Marselha, Agone (BP 2326, F-13213 Marseille cedex 02), 2003, 237 páginas.

¹⁰ Mwayila Tshiyembe, *Géopolitique de paix en Afrique médiane. Angola, Burundi, République Démocratique du Congo, République du Congo, Ouganda, Rwanda*, Paris, L'Harmattan, 2003, 220 páginas.

manuscrito?) que dedica 9 páginas ao papel de Angola na sua nova «esfera de influência» congoleza e 12 outras páginas às negociações de paz interangolanas (nomeadamente o Acordo de Lusaca). Contém, aqui e ali, algumas informações sobre a UNITA após a morte de Savimbi, uma figura que o autor não admira muito. Também se mostra igualmente crítico em relação ao MPLA e às «suas elites em vias de envelhecimento» (p. 164), com a sua cultura de partido único. Pode dizer-se que, de uma forma geral, é um autor realista na suas apreciações.

Esqueçamos isso para passarmos a um livro de história excepcionalmente interessante para um público alargado e que, devido ao seu tamanho, ao assunto e à composição, constitui — ousamos dizê-lo — uma obra-prima. Com 1246 páginas no seu 1.º volume, *The First World War*, de Hew Strachan¹¹, consegue, após dezenas de milhares de livros e artigos em cerca de quarenta línguas (o autor só utiliza três), sintetizar uma massa de informações propriamente esmagadora para um único autor e, mais ainda, para um único leitor. Já houve quem enaltecesse as suas qualidades. Limitar-nos-emos a salientar um aspecto raro nos estudos sobre a guerra de 1914-1918: a ambição planetária! Que outra obra nos apresenta sob a mesma capa dezenas de páginas sobre a falta de obuses, mais de vinte páginas sobre a Pérsia e o Afeganistão, o Egipto e a Líbia, o império alemão no Pacífico (1914-1917), a entrada da Turquia na guerra, a guerra naval no mar do Norte, etc.? Fiquemos por aqui e concentremo-nos nas 145 páginas dedicadas à conquista das colónias alemãs em África, com nada menos de 35 páginas sobre os Camarões. Mais ainda, tem três páginas sobre os portugueses no Sul de Angola e em Naulila. Quem, dos actuais estudantes portugueses, alguma vez ouviu falar de Naulila? Claro que se baseou — entre outras fontes — nas nossas *Guerres grises* e *Naissance du Mozambique* (vol. 2), sem ir às fontes portuguesas directas. Mas a partir de textos alemães — muito provavelmente — desce a pormenores tão específicos como a ordem que o general Pereira d’Eça «teria dado para matar todos os indígenas com mais de 10 anos» (p. 559). Permitimo-nos, aliás, duvidar fortemente da veracidade da informação. Como também do que se refere às crucificações de prisioneiros! Aos alemães em Moçambique dedica apenas 6 páginas. Só que raríssimas são as outras histórias gerais da Grande Guerra que abordam esse ponto! Hew Strachan é, portanto, o homem da extrema precisão factual, embora sendo também aquele que não hesita em questionar as reputações mais firmes. É assim que destrói seriamente o mito de von Lettow-Vorbeck, um génio da guerrilha. A não ser quando este entra em Moçambique, onde o autor lhe reconhece facilmente uma superioridade táctica.

¹¹ Hew Strachan, *The First World War*, vol. 1, *To Arms*, Oxford, Oxford University Press, 2003, xix-1227 páginas.

Numa palavra, esta pequena amostra africanista do livro já nos permite medir a riqueza imensa do resto. A bibliografia tem 50 páginas, o índice (em 2 colunas) 37 páginas, e o volume inclui 31 mapas. Um monumento!

E, já que estamos em Moçambique, prossigamos com uma história religiosa a seu respeito. *The Dominican Friars in Southern Africa*¹² contém mais de sessenta páginas sobre os 260 anos que os dominicanos portugueses dedicaram à evangelização do actual Moçambique e do Monomotapa. Em 1837, o último irmão colocado na igreja de Tete morreu e não foi substituído. Este livro, redigido por um dominicano belga, professor de História da Igreja na Universidade de Natal, é um trabalho sério, ponderado e não apologético, que tem o mérito de ter sido redigido por um investigador que absorveu o essencial das fontes portuguesas impressas. O resto do livro, ou seja, o grosso da obra, é sobre a África austral anglófona. O autor mostra-se atento aos aspectos políticos e sociais da missão e, por isso, tem apreciações subtis sobre os resultados obtidos no vale do Zambeze pelos pioneiros vindos de Portugal e da Índia.

Totalmente diferente é um livro de recordações — romanceadas — de um velho autor de 83 anos que conta um episódio tenebroso e talvez mesmo um pouco exagerado por aquele que na sua juventude foi um agente dos serviços secretos da marinha dos Estados Unidos, colocado em Lourenço Marques por volta de 1944-1945. A sua coroa de glória foi conseguir comprar a colheita de um plantador de sisal alemão antinazi no interior da Beira. Permitimo-nos duvidar fortemente da extrema importância — estratégica, segundo o autor — desse carregamento de sisal (destinado a substituir o cânhamo reservado para os cabos de amarração dos navios aliados) para o desfecho da segunda guerra mundial, tanto mais que as fazendas alemãs de sisal eram em maior número e mais produtivas no Norte de Moçambique. Mas, já que George H. Morales¹³ nos dá uma visão ligeira da capital de Moçambique, dos espões que nela pululavam e de muitas outras coisas, aceitemos o seu testemunho tal como nos é transmitido. Desde então Lourenço Marques e, sobretudo, Maputo conheceram personagens ainda mais estranhas. Muito mais estranhas e perigosas.

Delas existe uma galeria fascinante no romance (?) de um autor francês que conhece de uma forma pouco habitual a vida de Maputo e sobretudo o seu submundo, a sua miséria e a imbecilidade de jovens estrangeiros em busca de uma patente de aventureiros que simulam pobreza no meio de uma população que, essa, tem mesmo fome e nem conhece outra coisa. Alexandre Kauffmann¹⁴, uma espécie de anarquista, como se é aos 20-27 anos,

¹² Philippe Denis, *The Dominican Friars in Southern Africa. A Social History (1577-1990)*, Leiden, Brill, 1998, XIII-322 páginas, com pranchas fotográficas a preto e branco.

¹³ George H. Morales, *And the Code Word is Mozambique Mystique*, Bloomington, IN, 1stBooks Library, 2003, 253 páginas

¹⁴ Alexandre Kauffmann, *Le faux-fuyant*, Paris, Arléa, 2003, 165 páginas.

conseguiu nesse romance (?) negro em francês o primeiro mergulho em apneia na vida quotidiana de uma cidade desumana e que não consegue esquecer os horrores da guerra civil, com os seus assassinos brancos e negros. Um livro a traduzir para português. Imoral como a história!

E ei-nos de regresso à guerra e às suas matanças. *Fighting Scared*¹⁵, de Robin Horsfall, é a autobiografia de um desses autores facilmente publicados na Grã-Bretanha porque existe um público popular ávido de conhecer a sua existência «heróica». O percurso é clássico: pobreza, problemas familiares, opção de vida militar, unidades especiais de choque, álcool, mercenários, guarda-costas. Este autor acabou em professor de karaté, mas o que nos interessa na sua narração é que em 1990 foi recrutado pela FRELIMO para treinar soldados na fronteira da África do Sul. O acampamento é atacado pela RENAMO, não se tratando de uma simulação: os oficiais moçambicanos fogem, os guerrilheiros atravessam o campo de minas e Horsfall, que estava embriagado, avança sozinho para lá do arame farpado, acabando por enfiar o seu punhal no coração de um assaltante e matá-lo lentamente. Segue depois para Nampula, com a missão de proteger os empregados da empresa francesa que estava a reconstruir a via férrea para o Malawi. Deixa Moçambique em Janeiro de 1991, transformado. Afirma sentir vergonha de toda aquela violência que lhe foi ensinada na vida militar. A sua palavra final é «love», o que nos leva naturalmente até ao colonialismo.

*Comparing Empires*¹⁶ é a obra de um professor de literatura inglesa que se transformou num poeta e historiador — o que não nos parece incompatível — particularmente ligado às representações dos mundos novos na vida intelectual da Europa do Renascimento e dos séculos XVII-XVIII. Embora não pareça ter utilizado fontes portuguesas originais, elaborou uma tapeçaria invulgar de citações, referências e aproximações entre as descobertas portuguesas, o império a que deram lugar e... o imperialismo americano em 1898. No fundo, ao evadir-se do seu tema inicial, este professor do Canadá deixou-se encantar por Camões e por todos os mitos que ainda hoje fascinam o bom povo português. É, portanto, um livro que deve agradar àqueles que se interessam por filiações, antropologia, história das mentalidades e outros tantos temas da moda nas universidades norte-americanas. O texto está bem escrito e repleto de detalhes inexistentes em estudos sobre a colonização portuguesa. Insiste nas similitudes, mais do que nas diferenças entre imperialismos europeus. O autor deve ter razão e a sua obra é inteligente, erudita e intrigante.

¹⁵ Robin Horsfall, *Fighting Scared. Para, Mercenary, SAS, Sniper, Bodyguard*, Londres, Cassell-Weidenfeld & Nicolson, 2002, 255 páginas, fotografias a preto e branco.

¹⁶ Jonathan Hart, *Comparing Empires. European Colonialism from Portuguese Expansion to the Spanish-American War*, Basingstoke (Hampshire, G.-B.), Palgrave-Macmillan, 2003, xiv-192 páginas.

E, já que estamos a comparar impérios, não devemos hesitar em analisar o que fizeram os espanhóis, não nos seus domínios americanos ou pacíficos, mas em África. Começemos por um livro que contribuiu muitíssimo para o conhecimento da história sariana. No período franquista não era bem-visto alguém debruçar-se sobre o atraso inegável da penetração espanhola no deserto. Findo esse regime, alguns autores, oficiais do exército, acrescentaram diversos elementos novos ao tema, embora as suas intenções políticas (denúncia do abandono dos sarianos e da colusão de 1975-76 com Marrocos) ensombreassem alguns desses trabalhos. Mas nada disso com Jesús M.^a Martínez Milán¹⁷, que parece ser o primeiro historiador espanhol africanista que teve a sorte de trabalhar nos arquivos franceses, o que equilibra os seus julgamentos, alimenta a sua narração e esclarece uma questão importante à escala local: por que razão, entre 1885 e 1934 (aproximadamente), não quis Madrid aventurar-se no deserto, contentando-se em manter fortins costeiros, simples presídios sem influência? Martínez Milán fornece uma resposta convincente: esse deserto não devia custar nada à Espanha enquanto os franceses não tivessem «pacificado» a Mauritânia e o Sul de Marrocos. O leitor pode assim encontrar nesta tese muito sólida um oceano (se assim pode dizer-se, tratando-se de areias e nómadas) de revelações sobre as tensões existentes entre dois colonizadores, um dos quais acusa o outro de espoliação. História diplomática, história militar, etno-história, sociologia, etc., este texto constitui um importante contributo e confirma a nossa opinião sobre o desenvolvimento da ciência africanista espanhola de há uma boa dezena de anos a esta parte. Na maioria das antigas metrópoles, a perda do império parece ter libertado as energias dos investigadores, que podem agora — infelizmente, nem sempre! — trabalhar sem entraves. Resta saber por que razão alguns desses livros desaparecem do mercado logo após serem publicados, o que prejudica o respectivo autor e ainda mais a ciência histórica em geral.

Embora mais modesto nas suas intenções, há, no entanto, que assinalar o livro de Viñes Taberna¹⁸. Trata-se de uma simples introdução à história do Sara Ocidental, destinada aos canarienses, que foram os seus mais numerosos «colonizadores» no fim da era franquista. É mais um discurso sobre a história das relações canário-sarianas do que um trabalho em profundidade. Mas a propagação dos conhecimentos tem a sua utilidade. Outro público, outras

¹⁷ Jesús M.^a Martínez Milán, *España en el Sáhara Occidental y en la Zona Sur del Protectorado en Marruecos, 1885-1945*, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2003, 400 páginas, fotografias a preto e branco.

¹⁸ Rafael Viñes Taberna, *Notas Históricas sobre el Sahara Occidental*, Las Palmas, Ediciones del Cabildo de Gran Canaria, 2003, 215 páginas.

exigências e outros objectivos com a monografia de direito internacional público de Jaume Ferrer Lloret¹⁹. Sendo docente na Universidade de Alicante, deve *a priori* merecer a nossa confiança nessa disciplina, embora Rabat também deva dispor de juristas de idêntica competência. A originalidade da sua tese é o facto de estabelecer um paralelo entre o Sara Ocidental e Timor Leste, o que deve incentivá-lo a perseverar no seu combate, dada a evolução da antiga colónia portuguesa desde 1999. Este autor não é o primeiro a ter feito semelhante aproximação, nem eu próprio há dezanove anos (cf. *Politique étrangère*, n.º 2, 1985), mas teve a boa ideia de comparar a atitude da Espanha em relação a Timor com a de Portugal em relação ao Sara Ocidental: um perfil discreto em ambos os casos, porque as duas antigas metrópoles tinham, e têm, interesses económicos importantes a proteger, fechando os olhos às respectivas anexações. Quanto ao resto, cada um encontrará o que procura neste livro. Mas, na minha qualidade de bibliógrafo, estranho constatar quão raros são os textos sobre Timor utilizados pelo autor, se tivermos em conta as centenas de livros e artigos publicados desde 1975 sobre a ilha. E, mesmo no que se refere ao Sara Ocidental, a sua recolha não é extraordinária. Calculo que tenha tido de enfrentar a enorme carência das bibliotecas ibéricas, pois é praticamente certo que um jurista português que tencionasse redigir um livro análogo sobre o Sara Ocidental tivesse ainda mais dificuldades do que ele em encontrar alguma documentação apenas nas bibliotecas locais. E estamos bem colocados para falar do que era a situação nas míseras bibliotecas parisienses, há quarenta anos, quando se queria trabalhar em profundidade sobre a África lusófona ou hispanófona. Quase que era preciso atravessar os Pirenéus. A bibliografia colonial viaja mal na Europa. É chauvinista relativamente às suas antigas possessões e pobre relativamente aos impérios dos vizinhos. Trata-se de uma regra orçamental (ou política) que só é violada por algumas bibliotecas... dos Estados Unidos. Mas o livro de Ferrer Lloret não tem de se preocupar com essa questão e constitui uma ilustração séria do profundo sentimento de indignação e pesar que anima os espanhóis que se interessam pelo tema: os franquistas, após a morte do Caudilho, não souberam transmitir essa herança aos seus colonizados. E, no entanto, já estavam a chocar um novíssimo nacionalismo oeste-sariano.

Que, esse, está exposto em pormenor no livro²⁰ militante de um sarauí (mas nascido em 1950 em Tantan, na zona sul do antigo protectorado espanhol, retrocedido a Marrocos em 1958). O autor é um sociólogo dos conflitos que possui grandes qualidades de clareza na apresentação da

¹⁹ Jaume Ferrer Lloret, *La aplicación del principio de autodeterminación de los pueblos: Sahara Occidental y Timor Oriental*, San Vicente del Raspeig, Universidad de Alicante, 2002, 253 páginas.

²⁰ Ali Omar-Yara, *L'insurrection sahraouie: de la guerre à l'Etat. 1973-2003*, Paris, L'Harmattan, 2003, 182 páginas.

POLISARIO, embora não hesite em recorrer a um jargão universitário que não facilita a leitura. Implementou uma documentação inédita ou publicada, em francês, muito rica. Em contrapartida, não utiliza ou ignora trabalhos em espanhol que são, todavia, fundamentais, o que corrobora o que acabámos de dizer sobre a compartimentação da bibliografia colonial. Se o pessoal das bibliotecas tivesse mais historiadores e menos literatos, estas lacunas e este desequilíbrio não seriam tão intensos. De qualquer forma, trata-se de um livro importante por ser o mais preciso — e até o mais minucioso — a transmitir-nos a génese do nacionalismo sarauí. Na confluência da etnologia, da sociologia, da ciência política e da história das relações internacionais, este estudo, evidentemente de cariz antimarroquino (e mesmo, acessoriamente, antiespanhol), representa um esforço científico notável. Note-se (p. 119) que, aquando das manifestações de finais de Outubro de 1999 em Laayoune (a ortografia varia) havia sarauís que clamavam: «Fora com os invasores! O Sara não é Timor Leste!» Assim, a população também faz a ligação entre o destino da ilha e o seu. Aguardemos a continuação.

Por fim, para terminarmos provisoriamente com a África um pouco colonizada pela Espanha, vejamos as impressões de María José Barry²¹, que passou os seus nove primeiros anos de vida na Guiné espanhola até 1961 (na época era a provincialização) e que volta em 1980 aos escombros da ditadura do tristemente «célebre» (sim... mas exageremos) Macías Nguema. É uma reportagem de 43 páginas sobre o seu regresso ao país «quase natal», onde foi tentar recuperar uma vivenda dos pais, em Bata. Onze meses após a queda e execução do ditador, retrata-nos o despojamento absoluto de Fernando Poo e do Rio Muni. Não resta nada: nem água, nem electricidade, nem comida, nem roupa, nem medicamentos, nem móveis. Nada, apesar da presença de alguns colonos e humanitários espanhóis regressados! Esperou durante semanas que uma burocracia abúlica lhe reconhecesse os seus direitos de proprietária. Partiu sem os ter exercido, mas sem azedume, porque ama os «indígenas», como dizia em pequena. Enfeitiçada por África, veio a criar, catorze anos mais tarde, uma ONG de auxílio a esse continente. A utilidade do texto reside no facto de ser um dos raros a descrever esse Camboja «tornado canibal». Mais um fiasco de uma descolonização contra vontade, que acabou por deixar nas mãos de um racista louco uma das jóias económicas da África central. Isto não lhes lembra nada? O resto do volume é sobre o Zaire e o Senegal. A autora não parece desanimada.

E nós também não porque regressamos ao mundo lusófono com o 4.º volume de uma *História dos Portugueses no Extremo Oriente*²², que cobre

²¹ María José Barry, *Tan cerca como África*, Valência, Ediciones Tilde, 2002, 182 páginas, fotografias a preto e branco.

²² A. H. de Oliveira Marques (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, 4.º vol., *Macau e Timor no Período Republicano*, Lisboa, Fundação Oriente, 2003, 740 páginas, fotografias a cores e sépia.

essencialmente a história de Macau, visto que Timor só ocupa 62 páginas das 740 que constituem este luxuoso volume. É pouco, mesmo para um período que vai de 1910 a meados de década de 1950. É evidente que o essencial do livro foi redigido por uma autora, Célia Reis, que conhece a história política, social e cultural de Macau melhor do que ninguém. Levou mesmo a sua benevolência ao ponto de fornecer uma cronologia macaense (1910-1999) de 145 páginas. É monumental! Não nos é explicado por que razão o capítulo timorense não contém um apêndice análogo até pelo menos à data da anexação pela Indonésia. Também haveria muito a dizer sobre o que não se encontra nessa secção timorense (apenas 4 páginas sobre a ocupação japonesa na sequência da chegada das forças australo-holandesas!), mas o enorme valor do livro não é aí que reside. O que conta é Macau, pois a ilha dos cortadores de cabeças nunca interessou muito às suas tutoras coloniais (Lisboa, Goa, Macau), a não ser depois de a terem deixado órfã. O sentimentalismo nostálgico — e bibliográfico — aparece simetricamente em Espanha relativamente ao Sara (mas não à Guiné Equatorial). E — um fenómeno menos conhecido dos portugueses — deslocou-se para a Austrália, onde floresce há dezenas de anos toda uma literatura em inglês para agradecer aos desgraçados dos timorenses que pagaram com o sangue a ajuda conferida às tropas australianas durante a segunda guerra mundial.

*Criado*²³ — o título não é inocente — é um livro apaixonante pela leitura e comovente pelas intenções. Conta a peregrinação de dois antigos oficiais australianos, efectuada em 1973, para reencontrarem os timorenses que lhes salvaram a vida e expressarem-lhes a sua gratidão trinta e um anos depois dos factos. Foram acompanhados pelo autor, um jornalista, que publica agora neste livro o diário do tenente Archie Campbell em 1942. O texto foi editado por um profissional e contém, portanto, três coisas: (a) uma narração de primeira e segunda mãos sobre a guerra contra os japoneses; (b) a descrição da viagem de 1973 que lança uma luz curiosa sobre a situação no fim do período português; (c) os esforços de alguns bons samaritanos australianos para ajudarem os timorenses durante a ocupação indonésia.

Galguemos agora novas fronteiras para voltarmos a Moçambique. Mas um Moçambique colonial visto por um... cabo-verdiano da Administração do início da década de 1960. Tem um pé nos dominantes, outro nos africanos, e deve ter sofrido ao ver até que ponto o racismo ambiente contradizia os grandes discursos oficiais. A sua colectânea de contos descreve, portanto, cenas vividas, nomeadamente um banho de brancos em Tete que colocaram em primeira linha na água, à sua volta, uma fila de banhistas africanos para que, na eventualidade de um ataque de crocodilos, os pretos fossem comidos

²³ Ken White, *Criado — A Story of East Timor*, Briar Hill, Victoria 3088 (Austrália), Indra Publishing, 2002, 175 páginas.

primeiro. São coisas que não se inventam. Poder-se-á dizer que Daniel Benoni é um desses tristes autores que fizeram da sua militância política (muitas vezes tardia) um comércio literário? Não, pelo contrário, porque também denuncia os vexames, as espoliações e as humilhações com que a FRELIMO acompanhou a saída dos portugueses de Moçambique. Aqui não houve virar de casaca: trata-se de um apolítico puro e duro que não gosta nem dos marxistas nem dos colonos que ficaram e que para serem bem-vistos pelo novo regime se tornaram racistas... antibranços. Abandona Moçambique em 1976 e regressa a Cabo Verde, onde se recusa a ser inscrito no PAIGC. Daí que o seu livro²⁴ nos dê uma visão «incorrecta» de uma sociedade que, durante muito tempo e sob dois regimes autoritários sucessivos, não admitia a contradição.

Agora, que estamos em Moçambique, passemos a fronteira dos géneros com uma obra sumptuosa. *On Safari with Bwana Game*²⁵ é antes de mais um conjunto de recordações de um caçador profissional que serviu de guia aos «grandes» deste mundo (o príncipe Bernhard da Holanda, Tito) em busca de emoções fortes: matar leões, búfalos e elefantes. Isso não nos diz directamente respeito. Mas, tendo sido nomeado conservador da fauna (uma evolução frequente neste meio peculiar), foi chamado a Moçambique em 1996 para assegurar a protecção contra os animais de grande porte numa reserva do Niassa financiada pelo grupo Madal. Ora é aqui que entra a política. A guerra com a RENAMO tinha afugentado grande parte da população — e portanto dos caçadores furtivos — de certas zonas do Niassa, donde um excedente de elefantes calculado em 10 000. É muito. De forma que alguns, para se alimentarem, saíam da selva e destruíam as culturas dos aldeões já regressados. Dois particularmente ferozes chegaram a atacar pessoas, matando várias. Em 1997, perto do Lugenda, Eric Balson ficou, portanto, encarregado de os eliminar. Segue-se uma cena épica a meio da noite, com adrenalina a jorros. Por azar, conseguiu apenas feri-los. De forma que na manhã seguinte será preciso segui-los no mato e acabar com eles. O autor tinha na altura 67 anos e a sua proeza, pelo menos, alimentou a população durante alguns dias. Nem tudo é, portanto, puramente egoísta e hedonista nestas narrações de caça, onde, se procurarmos bem, pode haver prolongamentos inesperados. Quanto ao resto, trata-se de um livro que poderá agradar aos amadores. E o autor, nascido no Quênia, fala suaíli desde pequeno, o que lhe confere uma percepção das coisas que gostaríamos de ver em todos os moçambicanistas, nós incluídos.

²⁴ Daniel Benoni Rezende Costa, *Um Cabo-Verdiano em Moçambique*. Contos, Praia, ed. do autor (C. P. n.º 108, Praia, Cabo Verde, 1991, 197 páginas)

²⁵ Eric Balson, *On Safari with Bwana Game*, Huntington Beach, Safari Press (15621 Chemical Lane, Huntington Beach, CA 92649, Estados Unidos), 2003, xiv-210 páginas, fotografias a cores e a preto e branco. Um volume numa caixa.

Fechemos o círculo com um livro magnífico que dá literalmente a volta à África portuária. Literalmente porque os autores se fizeram transportar num veleiro de corrida (perto de 20 000 milhas percorridas) e também literariamente porque foi pedido a doze escritores que escrevessem cada um uma novela a propósito das doze escalas efectuadas entre Dezembro de 2002 e Julho de 2003. Os lusófonos são bem tratados em *Nouvelles d'Afrique*²⁶, tendo Maputo (Março de 2003) cabido a Jean-Christophe Rufin (Prémio Goncourt, 2001), que trabalhou em Moçambique para os Médicos sem Fronteiras. Ele conhecia a cidade desde o fim da guerra civil e sabia, por exemplo, que o Centro Cultural Francês ocupava um dos antigos bordéis do período colonial, o que nos parece ser um patrocínio bastante apropriado para os burocratas que aí administram a difusão do pensamento gaulês. Mac Mahon não deve ter previsto esta associação um tanto «marota», ao proferir a arbitragem que atribuiu apenas aos portugueses a *Delagoa Bay*.

O caso de Luanda (Maio de 2003) foi menos alegre porque, num país dilacerado pela guerra, coube a Marc Dugain, o romancista das vidas desfeitas e das «caras desfeitas» da Grande Guerra, a tarefa de compor uma novela em que um tenente-coronel africano do MPLA faz o balanço, quase mortuário, daquela cidade e daquele país, que perdeu não apenas a alma, mas também a força necessária para sair do coma em que está mergulhado. É patética a constatação de Dugain, que faz o seu herói escrever (p. 99) numa carta à filha mestiça que está a estudar em Portugal e já não quer voltar para Luanda: «Um dia dirigi-me a um oficial russo e lancei-lhe: ‘Vocês estragaram o meu país.’ Ao que me retorquiu, sorrindo: ‘Só vos ajudámos a fazê-lo.’» Que responder a isto? É sabido que a Gallimard só publica bons autores.

Redigido em Dezembro de 2003.

²⁶ Arnaud de La Grange (coord.), *Nouvelles d'Afrique. À la rencontre de l'Afrique par ses grands ports*, Paris, Gallimard, 2003, 175 páginas, numerosas fotografias a cores.